

SIM, SENHOR MINISTRO



Qualidade Devida Luísa Schmidt

sociedade@expresso.impresa.pt

O ministro do Ambiente, João Pedro Matos Fernandes, teve a feliz ideia de enviar três perguntas a um conjunto de personalidades para pensar a saída das duas crises: a atual, da covid-19, e a económica já em marcha. O Expresso, que não perde pitada das iniciativas do senhor ministro, resolveu também oferecer o seu modesto contributo com as limitações evidentes da métrica desta coluna.

1. Sobre as ameaças e oportunidades para o ambiente e sustentabilidade. A maior ameaça é voltarmos agora para trás e repetir os erros em vez de os emendar. Reduzir as exigências ambientais e sanitárias, deixa-nos mais vulneráveis a doenças e a problemas ambientais e sociais.

A oportunidade que temos agora é perceber o momento e saber mudar. Não para uma economia da pedra lascada, mas para uma modernidade com futuro. Temos boas condições para isso: boa ciência e tecnologia; unidades industriais criativas; e alguns recursos abundantes (mar, sol e vento). É só preciso ajudar ao impulso a tempo e de forma integrada.

2. Sobre a forma da economia verde contribuir para a criação de riqueza e bem-estar. O Governo dispõe de meios bastantes para tornar muitos dos problemas de agora em ocasiões para modernizar o sector produtivo. E não só através da fiscalidade verde em benefício de atividades e empresas que cumpram critérios de sustentabilidade. Também na agricultura, garantindo atividades estratégicas e diversificadas para o abastecimento interno seguro — dentro de uma política integrada de conservação da natureza e de uma infraestrutura ecológica nacional que proteja os solos e a água, ou seja, o futuro.

Apoiar também todas as indústrias que contribuam para a mobilidade limpa. E dar impulso às políticas de transição energética justas e inclusivas, o que

passa pela aposta séria na eficiência energética dos edifícios, nas comunidades energéticas, na microgeração (com o solar) e nas redes inteligentes. Tudo isto cria empregos qualificados, além de melhorar o conforto térmico, a qualidade do ar e a saúde pública, reduzindo as bolsas de pobreza energética que nos envergonham no quadro europeu.

Estimular no turismo o empreendedorismo sustentável, separando-o da indústria descontrolada do turismo de massas que destrói recursos e não traz rendimento estável ao país. É preciso não deixar destruir as paisagens litorais que nos restam, nem as Áreas Protegidas. O aeroporto do Montijo tem que ser repensado a partir do seu próprio fundamento no turismo de massas.

E, claro, promover o único fator de enriquecimento significativo e duradouro, que é o conhecimento, e apoiar o Pacto Ecológico Europeu, reforçando

A oportunidade é perceber o momento e saber mudar, não para uma economia da pedra lascada, mas para uma modernidade com futuro

a cooperação internacional e contribuindo para desencarregar o projeto europeu.

3. Quanto aos interlocutores e parceiros fundamentais para desenvolver uma política ativa. Só a integração regular e cooperativa de diferentes sectores terá eficácia. Para isso, a ação governativa conjunta é determinante. O Ministério do Ambiente poderá protagonizar processos inovadores nas tomadas de decisão, mobilizando os sectores da economia para um futuro sustentável e não apenas para as habituais mesas de negociações. Pensamos também no papel da ciência e na sua imprescindível independência ética e funcional; nas organizações não-governamentais e nas autarquias, porque todo o trabalho será mais eficaz e mais sólido se for construído na base local e na proximidade humana que ela implica. E também na comunicação e na educação que bem precisam de viver mais ligadas entre si de maneira viva e criativa. E na juventude, que tem de ser chamada, ouvida e envolvida na construção do futuro do país que vai ser o seu.

Um futuro que se constrói igual ao passado, não é um futuro e por isso não tem futuro.